

**A FORÇA DA ORALIDADE EM GUIMARÃES ROSA:
*AS PRIMEIRAS ESTÓRIAS***

CARMEN ELENA DAS CHAGAS

O presente trabalho tem como objetivo analisar a oralidade na literatura de Guimarães Rosa, através de oito contos do livro “Primeiras estórias”, tomando como fundamentos teóricos a Teoria Literária, a Análise da Conversação e a Lingüística Textual.

Muitas vezes falar confunde-se com o narrar e isto nos é apresentado através da capacidade do narrador. Tanto a fala da narrativa oral de fatos reais como a narrativa escrita de textos fictícios possuem a mesma estrutura básica, utilizam as mesmas técnicas e outros fatores em comum, tendo porém em mente a realidade da fala e da narrativa falada, objetivando a narrativa literária, já que o escritor usa na escrita marcas de oralidade que permitem ao leitor identificar no texto uma realidade lingüística que se acostumou a ouvir e que incorporou em seus esquemas de conhecimento. Isto tudo resultado de sua experiência como falante, através dos níveis de formalidade encontrados no texto e do desempenho lingüístico de seus narradores e personagens.

Ninguém melhor do que Guimarães Rosa para revelar estas marcas de oralidade em Primeiras estórias” de forma tão expressiva e fidedigna.

1 – Fundamentação Teórico-Methodológica

1.1 – Enunciação e enunciado

Na comunicação oral o falante utiliza uma linguagem verbal ancorada e imersa em todo o contexto que a cerca, desde o paralingüístico como: entonação, ritmo, etc. até o extralingüístico, representado pela traços fisionômicos, gestos, postura, etc. ou pelo próprio referente situacional ou ambiente físico e social comum como complemento da linguagem verbal e elemento da produção comunicativa.

Na comunicação escrita, literária ou não, os elementos contextuais ou não-verbais necessários à compreensão da mensagem precisam ser verbalizados, residindo na presença do contexto na fala e na verbalização dele na escrita, uma diferença básica entre as duas modalidades lingüísticas.

Todo fato lingüístico ou textual pode ser analisado segundo duas perspectivas. Primeiro, pode-se considerá-lo como um enunciado, ou seja, como um produto acabado e fechado sobre si mesmo. Segundo, vê-se como produto de uma enunciação, isto é, em suas relações com o ato de comunicação no centro da qual se inscreve.

Entendendo o enunciado como uma seqüência de frases, a enunciação é um ato na seqüência do qual essas frases se atualizam, assumidas por um emissor particular, em circunstâncias especiais e temporais precisas. Segundo Benveniste (1976, p. 86) “a enunciação é a colocação em discurso da língua por um ato individual de utilização”. A chamada enunciação enunciada, exemplificada com o “eu”, o “aqui” ou o “agora”, que se encontram no discurso enunciado.

1.2 – Construir o verossímil

O efeito real se apóia na verossimilhança, tendendo a excluir o extraordinário, as incoerências, as ambigüidades. O sistema causa-efeito, é, pois, essencial para o encadeamento e a explicação das ações. Ele repousa, em maior parte, na psicologia dos personagens, que motiva seus atos, e na sua construção como pessoas normalmente possíveis, colhidas em séries de acontecimentos normalmente comprováveis.

A construção do efeito realista se baseia em grande parte na redução das incertezas e surpresas da história. Ele se baseia fundamentalmente na clareza e na justificação do encadeamento das ações, e não naquilo que as contesta e interrompe. Tudo isso explica a impressão de previsibilidade freqüentemente sentida.

Os personagens são explorados nas suas dimensões mais cotidianas. Recebem nomes motivados por conotações nacionais ou sociais, às vezes, explicadas no decorrer de cenas típicas. Definem-se pela repetição de informações idênticas fornecidas por ocasião de suas atitudes privadas ou profissionais. Trata-se de fixar e compreender o funcionamento de seres comuns e não de heróis. Desta forma, as distorções entre seu ser e seu parecer ou são mais reduzidas ou mais bem explicadas. Os personagens podem revelar em seu diálogo estratégias comunicativas ideais, surpreendendo-nos pela forma como expressam, simulam ou escondem suas intenções; como marcam com suas palavras uma aproximação ou um distanciamento de seu interlocutor; como fingem camaradagem ou revelam hostilidade;

como chegam por meios verbais diferentes ou até pelo próprio silêncio aos mesmos objetivos; como se tornam intencionalmente claros ou obscuros no que desejam comunicar.

1.3 – Narrativa oral / narrativa literária

O ato de narrar foi uma das primeiras manifestações sociais e uma das primeiras variantes da comunicação oral, empregada esta inicialmente apenas para comunicar necessidades, depois atos fictícios, logo após de maneira avaliatória, opinativa ou fantasiosa. Já o falar confunde-se muitas vezes com o narrar, acrescentando a isso o talento do narrador. Toda narrativa é antes de tudo um discurso, portanto, pressupõe uma enunciação e, obviamente, um locutor e seu ouvinte, ou mais diretamente, narração é o “ato de enunciação que produziu a narrativa.” (Maingueneau, 1996b, p. 207) A narrativa pode se definir, de um lado, na qualidade de gênero, como discurso, e, por outro lado, na qualidade de espécie, como mundo fictício discursado. Assim:

Há, pois, em simultâneo, distinção e ligação estreita entre, de um lado, o discurso verbal que instrui sobre um mundo, a narração (também se diz, por vezes, enunciação) e esse próprio mundo: lugares, tempo, personagens, ações, que chamaremos narrativa propriamente dita, ou a “ficção”, a diegese.” (Lefebve, 1975, p. 172)

A diegese propriamente dita são os acontecimentos físicos ou mentais reconstituídos na seqüência lógica, preenchendo as lacunas ou elipses inevitáveis. A diegese só se explica como uma das faces da narrativa, de que, como vimos, a outra é a narração, ato narrativo ou enunciação narrativa. Ela é o referente da narração e, diríamos, sob certo aspecto, é o enunciado da enunciação narrativa. Daí que, todos os parceiros semânticos de narração, o discurso nos parece o mais sugestivo e próprio, na medida em que lembra um ato de enunciação, graças ao qual se põe em palavras a diegese e se estrutura a narrativa. O traço diferencial básico parece ser a abstração ou não da presença do locutor na narração. Quando se considera a abstração, tem-se o discurso; quando não, a história. Na verdade em ambos os casos há discurso, ou seja, enunciação.

1.4 – Foco narrativo

O autor, o narrador e o personagem jamais deixam de aparecer no processo narrativo, embora nem sempre estejam enunciando atos de linguagem. Enunciando aparecem sempre o narrador, geralmente o personagem, e nunca o autor. O personagem e o autor, mesmo que não apareçam lingüisticamente, estarão expostos por meio da linguagem do narrador.

O aparecimento indireto do autor, não-aparente ou não, far-se-á não só pela linguagem do narrador, mas por meio da própria cria-

ção e atuação do narrador, da organização e estruturação da narrativa, do próprio ato mecânico de escrever e das conseqüências dele.

O narrador é considerado uma entidade autônoma, qualidade que ele adquire como o personagem depois de consumado o projeto de criação. Na verdade, é um personagem de ficção em que o autor se camufla. Assim entre o mundo real do autor e o imaginário do narrador existem analogias e não identidades, portanto há duas pessoas que podem servir de porta-vozes do autor que são o narrador e o personagem.

Normalmente o narrador em primeira pessoa, narrador-protagonista ou não, mas personagem sempre, tem uma ciência limitada a fatos externos por uma questão de coerência e verossimilhança. Qualquer tipo de narrador pode fazer comentários dos fatos. Na realidade, personagens, acontecimentos,,etc só adquirem existência através de um narrador e por isso essa existência é indissociável da natureza e dos caracteres técnicos desse discurso. Há personagens que são apenas referidos, outros que apenas agem e outras que agem e falam. Estes, enquanto falam, são os interlocutores.

1.5 – Variedades lingüísticas

Os autores de costumes procuram fazer do diálogo de seus personagens um elemento a mais para especificar uma época, aproximando o melhor possível da realidade falada de seu tempo. Sabe-se que fatores como posição social, nível de escolaridade, classe eco-

nômica, raça, idade e profissão podem ser elementos importantes na definição dos níveis de linguagem e nas marcas que aparecem em qualquer campo da língua que no caso da literatura é, principalmente, no léxico.

A situação que não é diretamente determinante da formação de dialetos num indivíduo provoca normalmente a adaptação da linguagem do emissor ao nível sócio-cultural do receptor. Segundo Preti:

“Assim, um sermão pode, sob certas condições e considerado o tipo de ouvinte, aproximar-se do dialeto popular, da mesma maneira que um político, num comício, poderá empregar, para melhor comunicação, vocabulário e estruturas lingüísticas típicas do povo que o ouve.” (Preti, 1994, 30)

Porém o que se deve levar em consideração é que a forma do discurso literário dirige-se a um leitor e não a um ouvinte com todas as possibilidades que isto implica. O leitor comum procura no escritor o conceito de que o escritor é o representante de uma camada de cultura superior, para ele o escritor é aquele que escreve bem, melhor do que os demais que escrevem na sociedade. Sobremaneira entre o nível cultural do artista, de acordo com a sua individualidade e a linguagem da obra, pode surgir o que se classifica de nível lingüístico de narração na prosa. À medida em que o texto de ficção consegue envolver em sua atmosfera o leitor, este aceitará as variações de linguagem dos personagens ou narradores, ligando-as a um falante e uma situação de interação que podem ser reais.

II – A representatividade da oralidade em Guimarães Rosa

2.1 – seleção dos contos para análise

Na primeira parte do trabalho, procurou-se registrar o papel dos protagonistas responsáveis pela estrutura narrativa, sob os papéis enunciativos e se fez através da ótica dos usuários reais da palavra com projeção na obra literária. Viu-se também que a linguagem que usam os falantes está condicionada a uma variedade muito grande de níveis ou registros lingüísticos, de acordo com uma grande variedade de fatores condicionantes das situações e dos próprios falantes que produzem socialmente os mais diversos tipos de atos lingüísticos.

Com a fundamentação teórica, pretende-se, na seqüência, observar em que nível e medida esses diversos locutores realizam esses atos de fala, representando seus diversos papéis dentro das situações de fala na narrativa.

O corpus do trabalho será extraído de alguns contos do livro “Primeiras Estórias” de Guimarães Rosa que melhor puderem representar e explicitar o tema sugerido. Dos oito contos que serão selecionados para análise, a linguagem de alguns revela uma relação muito grande com aspectos da oralidade e níveis de linguagem e também constitui uma documentação eficiente das características para representar o desempenho lingüístico, se pensarmos que tais idéias se ligam a narradores ou personagens literários.

A seleção foi feita de acordo com o foco narrativo. Primeiro serão analisados os contos “Fatalidade”, “Sorôco, sua mãe, sua filha” e “A menina de lá” que possuem o foco relatado centrado na

terceira pessoa. Depois os contos “A terceira margem do rio”, “Famigerado” e “Nada e a nossa condição” com foco narrativo em primeira pessoa e por último serão mostrados os contos “O espelho” e “Pirlimpisquice” que apresentam o narrador como protagonista, já que o narrador pode ser um espectador privilegiado, que presencia a ação e registra suas impressões a respeito do que assiste ou pode ser também um personagem secundário da história, com laços de parentesco ou de amizade com o protagonista.

2.2 – Formalidade e informalidade narrativas

As situações formais de comunicação ensejam uma linguagem melhor acabada, identificada com a linguagem culta, tensa e mais elaborada nos seus diversos níveis. Já as situações informais favorecem uma linguagem mais coloquial, numa linguagem coloquial, popular e descompromissada de preocupações na elaboração.

Na narrativa literária a informalidade se faz por simulação. Será tanto mais informal quanto mais revelar um tom de descompromisso com técnicas, regras e fórmulas especiais e complexas, um tom de narrativa oral e coloquial. As situações opostas caracterizariam uma narrativa mais formal e elaborada.

É possível focalizar os diversos registros determinados ou pelo tema, ou pelo grau de intimidade entre os interlocutores, ou pelo seu estado emocional ou por outros fatores do contexto físico e social do evento da conversação. Tais fatores provocam diferentes graus de formalidade e informalidade da situação comunicativa e consequen-

temente, do desempenho lingüístico do falante com mais ou menos tensão.

O conto “Famigerado” apresenta um alto grau de informalidade, pois o narrador de 1ª pessoa desenvolve a narrativa como se estivesse a conversar com o interlocutor de forma bem natural, pois utiliza de argumentos próprios da linguagem oral através de provérbios ou ditos populares. “*Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa sem pés nem cabeça?*” Neste exemplo ele inicia a narrativa fazendo um questionamento bem apropriado para o ato da linguagem popular. “*Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta... Um cavaleiro esse o oh – homem – oh – com cara de nenhum amigo.*” Neste trecho, o narrador mostra marcas próprias da oralidade, onde utiliza de correções e repetições, demonstrando os sentimentos, isto é, vendo melhor e interferindo na narrativa. Em todo o conto o narrador utiliza de frases prontas e pertencentes ao imaginário popular “... *jagunço até na escuma do bofe.*” “*Com um pingo no i ele me dissolvia...*” “*A conversa era para teias de aranha.*” Assim, a informalidade apresenta neste conto através da referência feita aos personagens que é sempre de forma indefinida “*Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo.*” “*Os outros tristes três, mal me haviam olhado...*”

Já “Sorôco, sua mãe, sua filha”, cujo narrador é de 3ª pessoa quanto à informalidade e formalidade, o conto começa de forma formal, descrevendo o espaço e a situação inicial, mas à medida que e vai se desenrolando e apresentando os personagens, percebe-se que

a informalidade vai surgindo mediante a indicação dos interlocutores como em “*As pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar.*” “*O povo caçava jeito de ficarem debaixo da sombra das árvores de cedro.*” “*A chusma de gente não querendo afirmar as vistas.*” A própria apresentação dos personagens principais é de forma sucinta e informal como são a mãe, a filha e o próprio Sorôco que é apresentado apenas com o prenome. Em outros momentos a mãe é referida como “*a velha*” e a filha como “*a moça*”. “*A filha – a moça – tinha pegado a cantar...*” “*A velha só estava de preto, com um fichu preto...*” “*O que os outros se diziam: que Sorôco tinha muita paciência...*” “*Sendo que não ia sentir falta dessa transtornadas pobrezinhas...*”

No conto “Fatalidade”, observa-se um grau de formalidade maior, pois há uma preocupação com o formal e com a cronologia das ações. No conto com narrador em 3ª pessoa, observa-se que existe um maior zelo pelo emprego da maioria dos verbos como no pretérito-mais-que-perfeito e futuro do pretérito, colocação pronominal mais elaborada e preocupação em fazer referência aos personagens através de caracterizadores e uso de sobrenome, mesmo que seja na forma de apelidos. “*Só para atalhar discórdias, **prudenciara**¹: sempre seria melhor levar à paciência. E se humilhara, a menos não poder.*” “*...veio à casa do **Meu Amigo** sendo de vasto saber e pensar, **poeta, professor, ex-sargento de cavalaria e delegado de polícia.***” “*Convidado a dizer-lhe, declinou-se que de nome **José de Tal,***

¹ Grifo nosso.

mas com perdão, por apelido **Zé Centralfe**.” “É um **Herculinão**, cujo sobrenome **Socó**...” “O qual, **vendo-se** que caipira, ar e traje.” “Meu Amigo, **mandando-lhe** sentar e esperar, continuou, baixo, a conversa.”

O conto “A menina de lá”, narrador de 3ª pessoa, a informalidade é demonstrada através da apresentação das personagens, pois o pai e a mãe do personagem não possuem nomes, são identificados com letra maiúscula apenas, a tia possui um nome, mas oriundo de uma composição, escrito conforme é pronunciado na linguagem popular e a própria protagonista é caracterizada por diminutivos. Ela tem um prenome, porém é mais designada pelo apelido afetivo, reforçando mais a oralidade. “O **Pai**, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a **Mãe** urucuiana, nunca tirava o terço da mãe...” “Aí, **Tiantônia** tomou coragem, carecia de contar:” “E ela, **menininha**, por nome Maria, **Nhinhinha** dita, nascera já muito para **miúda**, **cabeçudota** e com olhos enormes.”

No trecho acima, Nhinhinha é acompanhada de adjetivos que realçam o descuido do formal, pois as palavras têm poder de torná-la popular.

Há, também, a presença de construções próprias do oral em “Ela apreciava o **casacão da noite**.” “Vou **visitar eles**...” “**Tou** fazendo **saudade**.”

“Nada e a nossa condição” este conto, com narrador de 1ª pessoa, também possui um grau de formalidade mais elevado, já que apresenta seus personagens bem caracterizados e com colocação

pronominal bem empregada. “*Era fazendeiro e chamava-se Tio Man`Antônio.*” “*Tia Liduína, de árdua e imemorial cordura, certa para o nunca e sempre.*” “E rodeavam-no as filhas, **singelas, sérias, cuidosas...**” “Felícia, apenas, **a mais jovem**, clamou falando ao pai...” “E **rodeavam-no** as filhas...” “*transluz-se que, fitando-o, agora, era como...*” “*Cabisbaixara-se, Tio Man`Antônio.*” “... e **do-brava-se montanha,**” “**Ajudavam-no**, de volta, agora que delas precisava?”

O conto apresenta também uma sintaxe mais rebuscada, com maior presença de orações com melhor construção e um léxico de variedade culta. Observem-se os trechos a seguir: “*Na minha família, em minha terra, ninguém conheceu uma vez um homem, de mais excelência que presença, que podia ter sido o velho rei ou o príncipe mais moço, nas futuras estórias de fadas.*” “*A que – assobradada, alicerçada, fundo, de tetos altos, longa e, com quartos sem uso corredores e quartos, cheirando a fruta, flor, couro, madeiras, fubá fresco e excremento de vaca – fazia face para o norte, entre o quintal de limoeiros e os currais...*”

O conto “A terceira margem do rio”, narrador em 1ª pessoa, com relação à formalidade e informalidade possui características dos dois níveis. A formalidade se verifica na cronologia dos fatos, pois o narrador-personagem se preocupa em narrar exatamente como o acontecido com início, meio e fim. “*Certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.*” *Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente.*” “*Minha irmã*

se casou;...” “Mas minha irmã teve menino.” “Os tempos mudavam no devagar dos tempos.” “Sofri o grave frio dos medos, adoeci.” “Mas então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada.”

Já em outras passagens, o conto revela a informalidade através da construção dos períodos com frases curtas, com maior emprego da coordenação. *“Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n`água, proava para cá, concordando.” “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. Aquilo que não havia, acontecia.” “Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu aí e lá, o vulto.”*

Outra marca da informalidade é a falta dos nomes dos personagens. O narrador-personagem se refere aos mesmos, apenas como meu pai, minha mãe, minha irmã e meu irmão. Mas ao mesmo tempo que os personagens são anônimos, possuem palavras caracterizadoras, criando um certo grau de formalidade no texto. *“Nosso pai era homem **cumpridor**, **ordeiro**, **positivo**, e sido assim desde mocinho e menino...” “Nossa mãe, **vergonhosa**, se portou com muita **cordura**.” “Nossa mãe era quem **regia**, e que **ralhava** no diário com a gente...”*

Por último o fim do conto toma um rumo inesperado, pois se direciona inversamente ao que se propunha o personagem vivido pelo narrador, já que ele desiste de tomar o lugar do pai na canoa,

causando assim surpresa na narrativa. “*O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado.*”

Os dois últimos contos possuem narradores que são protagonistas de suas narrativas, mas com graus de informalidade e formalidade diferentes.

O conto “O espelho” possui um grau de informalidade bem marcado, pois o narrador-protagonista demonstra uma certa intimidade com o interlocutor, já que utiliza o pronome de tratamento “senhor”. Ele parece estar narrando, ou melhor, contando a história para um ouvinte que está ao seu lado. “*Sequer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições.*” “**O senhor**, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tem a idéia do que seja na verdade – um espelho?” “**O senhor** dirá: as fotografias o comprovam.” “**O senhor** acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?”

Já o conto “Pirlimpsiquice” apresenta um grau de formalidade mediano, porque os personagens apresentados possuem nome e sobrenome, mas isto é feito de forma mais popular, pois é através de apelidos que se caracterizam os mesmos. “*O Dr. Perdigão, em seu bobo buraco...*” “**Zé Boné**, do tom, tirava algum entender, empenava-se confuso e contente.” “*... enquanto se dizia que **Tãozão** e o **Mão na Lata** estavam reunindo uns, que iam amassar a gente...*”

O conto é informal no desenrolar das ações. Já em seu início a narrativa não prioriza o cronológico, pois o narrador-protagonista se reporta ao hoje, fazendo volta ao passado para contá-la. *“Aquilo na noite do nosso teatrinho foi de Oh. O estilo espavorido. Ao que sei, que se saiba, ninguém soube sozinho direito o que houve. **Ainda, hoje, adiante, anos, a gente se lembra:** mas, mais do repente que da desordem, e menos da desordem do que do rumor. Depois, os padres falaram em pôr fim as festas dessas, no Colégio.”* *“Atordoados, pois. O padre Prefeito, solene modo, fez-nos a comunicação.”*

Entendida a linguagem como instrumento autônomo de comunicação, mas sobretudo como instrumento de interação social, vinculado às situações de sua produção, procurou-se observar nos contos as condições de situações comunicativas criadas pelo autor e os efeitos produzidos.

As análises realizadas nos contos selecionados comprovam a hipótese de que Guimarães Rosa incorporou o registro da oralidade, aqui entendida como língua falada popular, onde, como e quanto lhe permitiam a verossimilhança e o canal escrito, realizando assim, à sua forma, a linguagem literária desses contos.

Os contos foram considerados em sua maioria como narrativas que reforçam a espontaneidade e imprevisibilidade das narrativas orais. Na verdade, não existem parâmetros precisos que sustentam tais conclusões, prevalecendo o aspecto lingüístico mesmo.

Acredita-se que a apresentação dos contos tenha sido suficientemente representativa para comprovar como Guimarães Rosa, com

clara consciência, conseguiu elaborar em seu estilo as variedades lingüísticas, desde a culta até a popular, com grau maior ou menor de informalidade. Mas sobretudo serviu para mostrar que é na essência da oralidade que o autor buscou e encontrou a inspiração para a sua linguagem literária.

Referências Bibliográficas

BOSI, A. *O conto brasileiro contemporâneo*. 22. ed. São Paulo: Cul-tix, [197-?].

FÁVERO, L. L. et. al. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensi-no de língua materna*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto. Leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Con-texto, 2004.

MARCUSCHI, L. A . *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. *Sociolingüística – os níveis de fala: um estudo socio-lingüístico do diálogo na Literatura Brasileira*. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. *Estratégias conversacionais no diálogo construído: em bus-ca de uma teoria da “conversação literária”*. In: Revista Gragoatá, nº 9, Niterói, 2000, p. 205-20.

ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2005.